



CONFIANÇA QUE VIRA CARTEIRA ASSINADA

Expectativas empresariais e emprego formal na indústria e na construção do Pará (2020-2025): Como a confiança dos empresários afeta a empregabilidade.

1. Introdução

Antes de contratar um trabalhador, o empresário faz uma aposta sobre o futuro: se acredita que haverá demanda para seus produtos e obras, contrata; se desconfia do cenário, adia a decisão. Este estudo investiga, com dados do Pará, em que medida essa aposta – a confiança e a expectativa do empresário industrial – acompanha e ajuda a explicar, dentro do próprio mês, a criação e a destruição de empregos formais na indústria (extrativa e de transformação) e na construção do estado.

Para isso, o estudo combina duas famílias de dados de natureza muito distinta. De um lado, os indicadores de percepção da Confederação Nacional da Indústria (CNI), produzidos em parceria com o IEL do Pará: o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) e as variáveis de emprego das Sondagens Industrial e da Indústria da Construção. De outro, o registro administrativo do Novo CAGED, que contabiliza todas as admissões e desligamentos com carteira assinada. O período analisado vai de janeiro de 2020 a dezembro de 2025 – 72 meses que incluem o choque da pandemia, a recuperação, o ciclo de aperto monetário e a desaceleração recente.

A pergunta central é quantitativa: quantos empregos são impactados quando a expectativa dos empresários melhora ou piora? Para respondê-la, estimamos modelos de vetores autorregressivos (VAR) e funções de impulso-resposta, apresentados de forma acessível ao leitor não economista. A leitura dos resultados se apoia na tradição teórica novo-keynesiana e estruturalista, para a qual as expectativas empresariais não são um detalhe psicológico, mas um motor central da demanda efetiva – e, portanto, do emprego.

O texto está organizado em cinco seções, além desta introdução: a seção 2 apresenta a metodologia (os indicadores, os dados e o modelo); a seção 3 traz a análise descritiva dos indicadores; a seção 4 apresenta os testes de hipótese e os resultados do modelo de impulso-resposta; a seção 5 traduz os achados em linguagem simples; e a seção 6 conclui.

2. Metodologia

2.1 Como funcionam os indicadores da CNI e por que eles importam

O ICEI e as sondagens da CNI são pesquisas mensais de opinião empresarial. No Pará, elas são realizadas em parceria com o IEL/PA junto a empresas da indústria extrativa, de transformação (seções B e C da CNAE 2.0) e da construção (seção F, divisões 41 a 43). Os resultados são divulgados como indicadores de difusão, que variam de 0 a 100 pontos e têm uma regra de leitura simples: a linha de corte é 50. Acima de 50 pontos, predominam empresários confiantes (ou que relatam crescimento da variável); abaixo de 50, predominam pessimismo ou queda. Quanto mais distante de 50, mais intenso e disseminado é o movimento.

O ICEI é construído a partir de quatro perguntas: as condições atuais da economia brasileira e da própria empresa (comparadas aos últimos seis meses) e as expectativas para a economia e para a empresa (próximos seis meses). Na agregação, as expectativas recebem peso 2 e as condições atuais, peso 1 – ou seja, o índice é, por construção, dominado pelo olhar para a frente. É exatamente por isso que a metodologia da CNI o classifica como um indicador antecedente: empresários confiantes tendem a aumentar investimento e produção antes que os dados oficiais registrem o movimento. Já as variáveis de emprego das sondagens medem diretamente a dimensão que nos interessa: na Sondagem Industrial, a evolução do número de empregados no mês; na Sondagem da Construção, a expectativa do número de empregados para os próximos seis meses.

2.2 O emprego formal: Novo CAGED

A variável de emprego observado é o saldo mensal do Novo CAGED – admissões menos desligamentos celetistas – no estado do Pará, agregado em dois grupos compatíveis com o recorte das sondagens: Indústria (seções B e C da CNAE) e Construção (seção F). A compatibilização setorial é importante: as sondagens da CNI não cobrem eletricidade, gás, água e esgoto (seções D e E), que por isso também ficam fora do recorte do CAGED. Entre 2020 e 2025, a indústria paraense acumulou saldo positivo de 37,8 mil empregos formais e a construção, de 27,0 mil. Uma diferença de escopo deve ser registrada: as sondagens entrevistam empresas com 10 ou mais empregados, enquanto o CAGED cobre todo o emprego formal – uma nota de rodapé que não compromete a análise, mas ajuda a interpretar divergências pontuais.

2.3 O modelo: VAR e funções de impulso-resposta, em duas linguagens

Em linguagem simples: um modelo VAR (vetores autorregressivos) é uma forma de deixar os dados contarem sua própria história. Em vez de assumir de antemão quem causa o quê, o modelo olha simultaneamente para três séries – a confiança (ICEI), a percepção de emprego da sondagem e o saldo do CAGED – e aprende como o valor de cada uma depende do passado recente de todas. Com essa ‘memória’ estimada, fazemos o experimento que dá nome ao estudo: simulamos um choque de confiança (uma melhora repentina e não antecipada no ICEI) e observamos, mês a mês, quantos empregos a mais o modelo prevê. Essa trajetória é a função de impulso-resposta (FIR). É o equivalente estatístico de jogar uma pedra no lago e medir as ondas.

Em linguagem técnica: estimamos um VAR(p) trivariado para cada setor, na ordem (ICEI, indicador de emprego da sondagem, saldo CAGED), com dummies sazonais mensais como variáveis exógenas, dado o forte padrão sazonal do saldo (contratações no meio do ano, demissões concentradas em novembro e dezembro). A identificação dos choques usa a decomposição de Cholesky com essa mesma ordenação, que impõe uma hipótese econômica plausível: a confiança (coletada nas duas primeiras semanas do mês e dominada por expectativas) pode afetar contratações dentro do próprio mês, mas o saldo do CAGED só afeta a confiança com defasagem. O número de defasagens foi escolhido pelo critério de Akaike (AIC) e o horizonte da FIR é de 12 meses, com intervalos de confiança assintóticos de 95%. Todos os testes de adequação são reportados na seção 4.

2.4 Fundamentação teórica: expectativas como motor do emprego

A leitura dos resultados segue a tradição novo-keynesiana de inspiração estruturalista. Em Keynes (1936), a decisão de investir e contratar é tomada sob incerteza fundamental: como o futuro não pode ser calculado, o empresário se apoia no estado de expectativas de longo prazo e nos chamados espíritos animais – o impulso de agir apesar da incerteza. Quando a confiança melhora, a demanda efetiva se expande e o emprego cresce; quando ela se deteriora, o recuo do gasto privado se transforma em desemprego, mesmo que nada ‘real’ tenha mudado na capacidade produtiva. Kalecki complementa o argumento ao mostrar que o investimento – a variável mais volátil e mais dependente de expectativas – é o determinante central do ciclo econômico.

A lente estruturalista, herdeira de Prebisch, Furtado e da tradição cepalina, acrescenta a dimensão regional: a transmissão das expectativas ao emprego depende da estrutura produtiva. A indústria paraense é marcada por heterogeneidade estrutural – de um lado, um núcleo mineral-exportador de grandes plantas, intensivo em capital, cujas decisões de emprego respondem a contratos longos e à demanda internacional de commodities; de outro, uma construção civil e uma manufatura leve voltadas ao mercado interno, intensivas em trabalho e com contratos flexíveis. A hipótese estruturalista testável é direta: o canal expectativas-emprego deve ser mais forte e mais rápido na

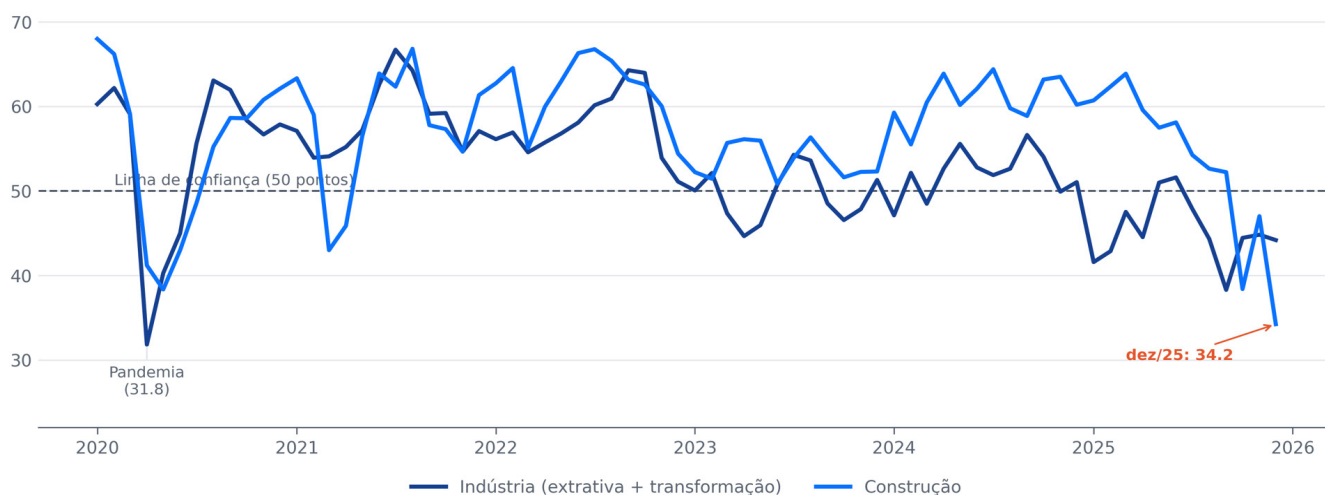
construção, onde contratar e demitir é a margem imediata de ajuste, e mais fraco na indústria, onde o emprego é amortecido pela rigidez tecnológica e pela lógica exportadora. Como se verá, é exatamente esse o padrão que os dados do Pará revelam.

3. Análise descritiva: o que dizem os indicadores

3.1 A confiança do empresário paraense (ICEI)

Gráfico 1 - Confiança do empresário Industrial no Pará (ICEI)

Índice de difusão (0 a 100) — acima de 50 pontos, empresários confiantes | jan/2020 a dez/2025



Fonte: CNI em parceria com o IEL/PA. Elaboração: Observatório da Indústria do Pará

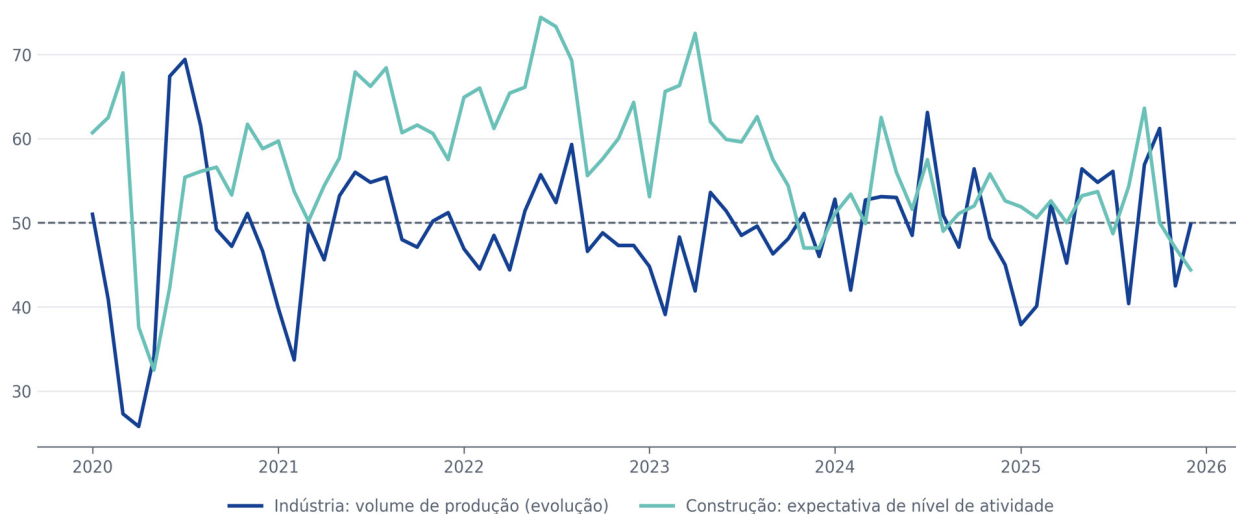
O Gráfico 1 resume seis anos de humor empresarial no Pará. Três momentos organizam a narrativa. O primeiro é o colapso da pandemia: em abril de 2020 o ICEI da indústria desabou para 31,8 pontos, o menor nível da série — um choque de expectativas clássico, em que a incerteza paralisou decisões antes mesmo de os efeitos econômicos se materializarem por completo. O segundo é a recuperação em 'V' da confiança: já em meados de 2020 os índices voltaram a superar os 50 pontos, e em julho de 2021 a indústria atingiu o pico de 66,7 pontos, embalada pela retomada da demanda e pelo ciclo de commodities. O terceiro momento é a erosão gradual a partir de 2024, que se transforma em pessimismo aberto em 2025.

O dado mais grave do período recente está na construção: em dezembro de 2025 o ICEI do setor marcou 34,2 pontos — o menor valor de toda a série de 72 meses, inferior inclusive ao pior momento da pandemia (que no setor foi de 35,2 em abril de 2020). Na média dos últimos 12 meses, a confiança da indústria (45,2 pontos) e da construção (53,4, mas em queda acelerada) descrevem um empresariado que atravessou 2025 perdendo disposição para investir e contratar.

3.2 Produção e atividade

Gráfico 2 - O ritmo da fábrica e do canteiro de obras

Indicadores de difusão (0 a 100) — acima de 50 pontos, crescimento/otimismo | Pará, jan/2020 a dez/2025



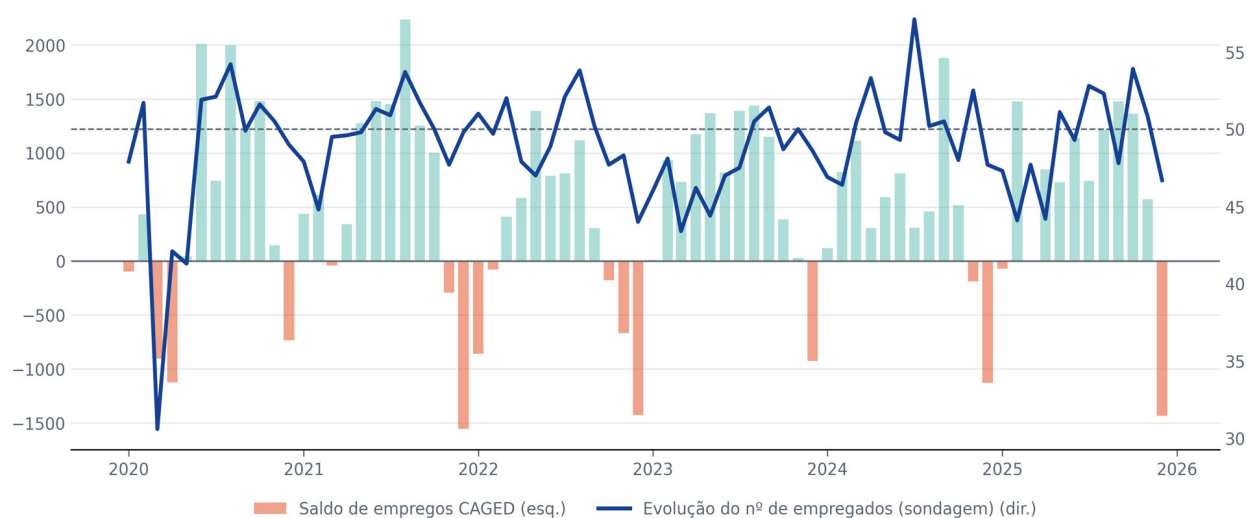
Fonte: CNI em parceria com o IEL/PA. Elaboração: Observatório da Indústria do Pará

O Gráfico 2 acompanha o 'lado real' das sondagens. O volume de produção da indústria (linha azul escuro) mostra a assinatura típica de uma variável de evolução mensal: despencou a 25,8 pontos no auge da pandemia, recuperou-se com força e passou a oscilar em torno da linha de 50, com quedas sazonais recorrentes no fim de cada ano. Já a expectativa de nível de atividade da construção (linha azul claro), por ser uma variável de tendência futura, permaneceu quase todo o período acima dos 50 pontos — empresários de obras tendem ao otimismo projetivo — mas encerrou 2025 abaixo dessa linha, em 32,5 pontos em dezembro, o pior registro da série. Quando até a expectativa cede, o sinal para o emprego é de alerta.

3.3 Percepção e realidade: sondagens de emprego versus CAGED

Gráfico 3 - indústria do Pará: percepção dos empresários e emprego formal

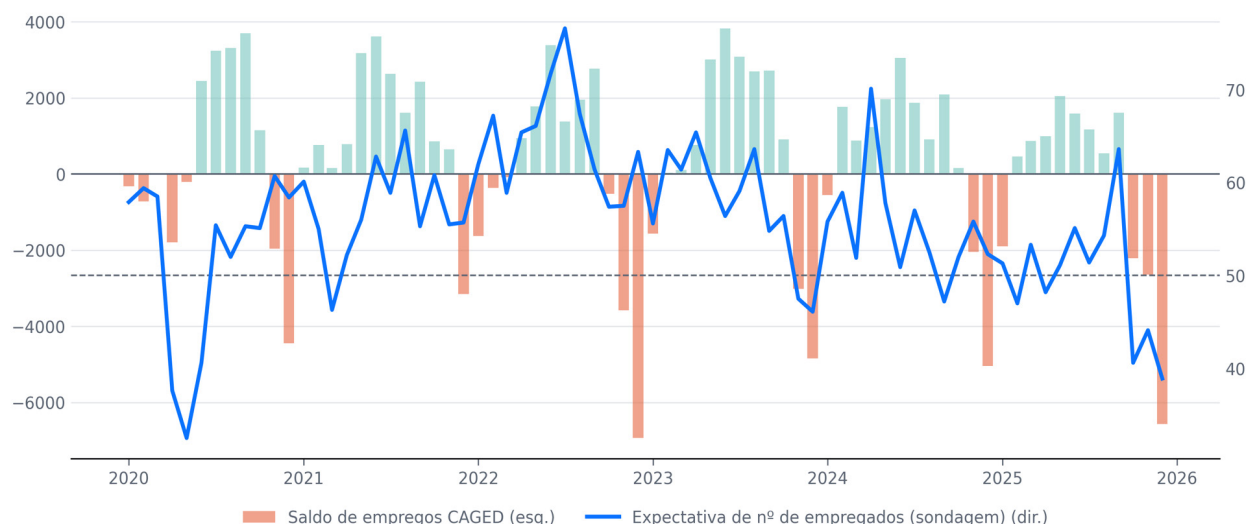
Barra: saldo mensal de admissões – desligamentos | Linha: indicador de difusão CNI (0 a 100)



Fonte: CNI em parceria com o IEL/PA, novo CAGED (MTE). Elaboração: Observatório da Indústria do Pará

Gráfico 4 - Construção no Pará: expectativa dos empresários e emprego formal

Barra: saldo mensal de admissões – desligamentos | Linha: indicador de difusão CNI (0 a 100)



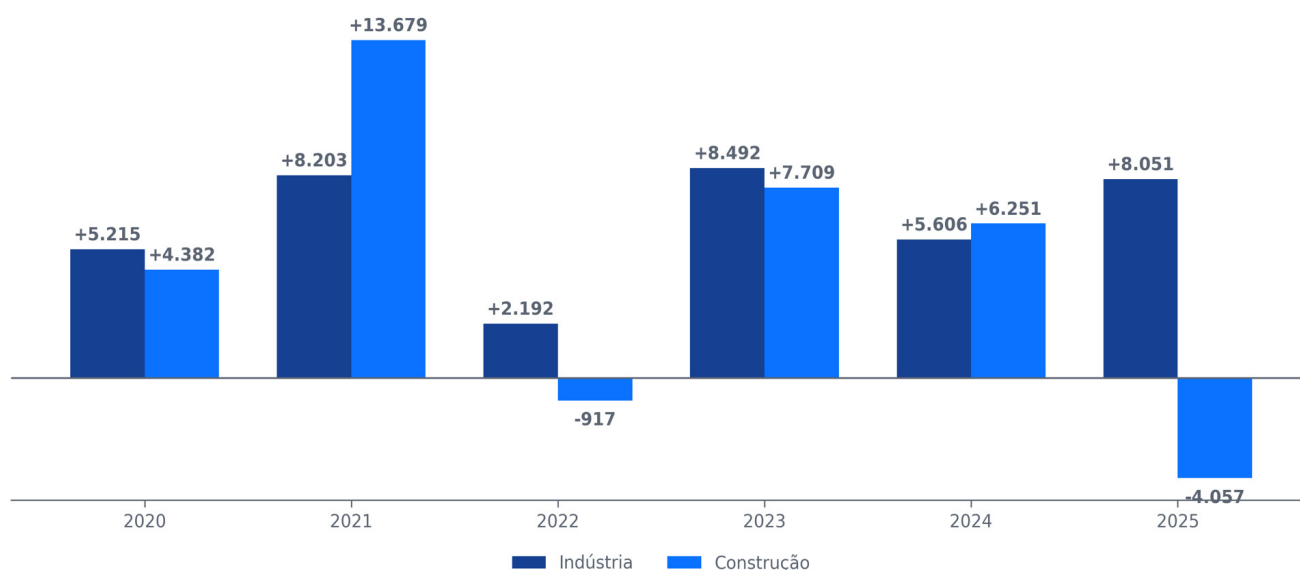
Fonte: CNI em parceria com o IEL/PA, novo CAGED (MTE). Elaboração: Observatório da Indústria do Pará

Os Gráficos 3 e 4 sobrepõem a percepção dos empresários (linhas) ao emprego formal efetivamente registrado (barras). Dois padrões saltam aos olhos. Primeiro, a sazonalidade do CAGED: em ambos os setores, o saldo é sistematicamente positivo entre maio e setembro e fortemente negativo em novembro e dezembro – na construção, dezembro de 2022 registrou saldo de -6.934 vagas, o pior mês da série. Essa regularidade de calendário é a razão técnica pela qual o modelo da seção 4 inclui controles sazonais. Segundo, a aderência entre linha e barras os grandes vales da sondagem coincidem com os períodos de destruição de vagas (pandemia, finais de ano de 2022 e 2023), e as fases de linha acima de 50 coincidem com sequências de saldos positivos – uma primeira evidência visual de que a percepção captada pela CNI conversa com o registro administrativo.

3.4 O saldo anual

Gráfico 5 - Saldo anual de empregos formais no Pará por setor

Admissões menos desligamentos no ano (Novo CAGED) | 2020 a 2025



Fonte: Novo CAGED (MTE). Elaboração: Observatório da Indústria do Pará

Na leitura anual (Gráfico 5), o período foi de criação líquida de empregos nos dois setores, com três fases: expansão forte em 2020-2021 (impulsionada, na indústria, pela retomada pós-pandemia), moderação em 2022-2024 e desaceleração em 2025 – ano em que a construção entrega o pior resultado da série e a indústria, embora ainda positiva, perde fôlego. A trajetória do emprego, portanto, espelha com defasagem a trajetória da confiança descrita no Gráfico 1: o pessimismo de 2025 já aparece nas margens do mercado de trabalho formal.

4. O modelo de impulso-resposta: testes e resultados

4.1 Testes de estacionariedade (raiz unitária)

O primeiro passo de qualquer modelo de séries temporais é verificar se as séries são estacionárias – isto é, se flutuam em torno de uma média estável, condição para que as relações estimadas não sejam espúrias. Aplicamos dois testes complementares: o ADF (Dickey-Fuller Aumentado), cuja hipótese nula é a presença de raiz unitária (série não estacionária), e o KPSS, cuja hipótese nula é a estacionariedade. A Tabela 1 resume os resultados em nível.

Tabela 1 - Testes ADF e KPSS em nível.

Série	ADF (estat.)	ADF (p-valor)	KPSS (estat.)	KPSS (p-valor)	Conclusão
ICEI Indústria	-3,30	0,015	0,753	0,010	ambígua*
Emprego sondagem Ind.	-5,99	<0,001	0,102	>0,10	estacionária
Saldo CAGED Ind	-1,82	0,372	0,031	>0,10	ambígua*
ICEI Construção	-2,76	0,065	0,107	>0,10	ambígua*
Expect. emprego Constr.	-3,12	0,025	0,336	>0,10	estacionária
Saldo CAGED Constr.	-0,77	0,827	0,097	>0,10	ambígua*

(*) Casos em que ADF e KPSS apontam em direções opostas; em primeira diferença, todas as séries são inequivocamente estacionárias (ADF $p < 0,01$ e KPSS $p > 0,10$).

O quadro é típico de amostras curtas com sazonalidade forte: para quatro das seis séries os testes divergem – o ADF, de baixo poder em 72 observações, não rejeita a raiz unitária, enquanto o KPSS não rejeita a estacionariedade. Como (i) o KPSS não acusa raiz unitária em nenhuma série exceto o ICEI industrial, (ii) indicadores de difusão são limitados por construção ao intervalo 0-100 (não podem ter tendência estocástica permanente) e (iii) o saldo do CAGED é um fluxo dominado por sazonalidade determinística, seguimos a prática consagrada por Sims (1980) e estimamos o VAR em nível, controlando a sazonalidade com dummies mensais e verificando ex post a estabilidade do sistema – que, como mostra a Tabela 2, é satisfeita em todas as especificações.

4.2 Seleção e diagnóstico dos modelos

Para cada setor foram comparadas quatro especificações: VAR em nível sem controles sazonais (M1), VAR em nível com dummies sazonais e defasagem escolhida pelo AIC (M2) e variantes de M2 com 2 e 3 defasagens fixas, para teste de robustez. Os critérios de escolha foram: estabilidade (todas as raízes dentro do círculo unitário), ausência de autocorrelação nos resíduos (teste de Portmanteau ajustado, $p > 0,05$) e menor AIC entre os modelos válidos.

Tabela 2 - Comparação e diagnóstico das especificações.

Sector	Modelo	Defas.	AIC	Estável?	Portmanteau (p)	Escolhido
Indústria	M1: nível, sem dummies	1	18,71	Sim	0,397	
Indústria	M2: nível + dummies sazonais	1	18,15	Sim	0,697	SIM
Indústria	M2 com 2 defasagens	2	18,16	Sim	0,510	
Indústria	M2 com 3 defasagens	3	17,64	Sim	0,000	
Construção	M1: nível, sem dummies	2	21,61	Sim	0,113	
Construção	M2: nível + dummies sazonais	1	20,37	Sim	0,137	SIM
Construção	M2 com 2 defasagens	2	20,47	Sim	0,062	
Construção	M2 com 3 defasagens	3	20,68	Sim	0,015	

O modelo escolhido em ambos os setores é o VAR(1) em nível com dummies sazonais mensais.

Em ambos os setores, o modelo vencedor é o M2 – VAR(1) em nível com dummies sazonais: é estável, elimina a autocorrelação residual (p de 0,697 na indústria e 0,137 na construção) e domina as alternativas pelo AIC entre as especificações válidas. As variantes com 3 defasagens, apesar de AIC menor na indústria, falham no teste de Portmanteau e foram descartadas. O único diagnóstico não atendido é a normalidade dos resíduos (teste de Jarque-Bera, $p < 0,01$), rejeição esperada e bem documentada em amostras que contêm os meses extremos da pandemia; ela não vicia a estimação dos coeficientes nem as funções de impulso-resposta, apenas recomenda cautela na leitura literal dos intervalos de confiança – cautela que adotamos ao longo de toda a seção.

4.3 Causalidade de Granger: quem antecipa quem?

O teste de causalidade de Granger verifica se o passado de uma variável ajuda a prever o futuro de outra – ‘causalidade’ aqui significa precedência preditiva, não causa-e-efeito no sentido filosófico. A Tabela 3 traz os resultados dentro do modelo escolhido.

Tabela 3 - Testes de causalidade de Granger (estatística F)

Hipótese testada	Indústria (p-valor)	Construção (p-valor)	Leitura
Confiança (ICEI) → saldo CAGED	0,108	0,094	fraca (10%) na construção
Sondagem de emprego → saldo CAGED	0,895	0,751	não significativa
Confiança (ICEI) → sondagem de emprego	0,898	0,533	não significativa
Saldo CAGED → confiança (ICEI)	0,359	0,010	significativa na construção

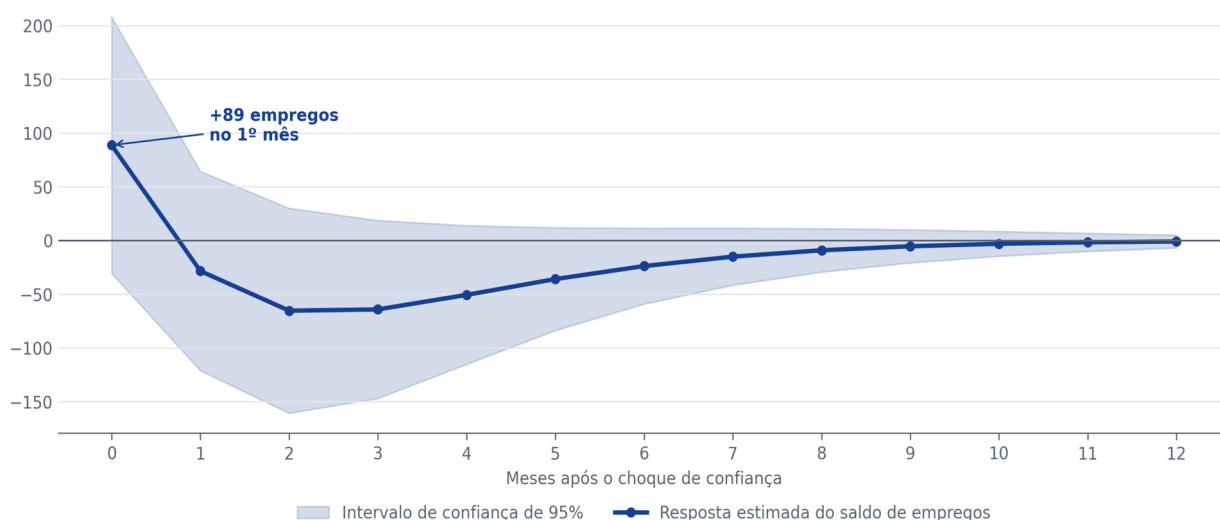
Valores de p abaixo de 0,05 indicam precedência preditiva significativa a 5%; abaixo de 0,10, a 10%.

Dois achados merecem destaque. Primeiro, a confiança antecipa o emprego na construção com significância marginal ($p=0,094$) – e, como mostrará a FIR, o efeito relevante é contemporâneo, dentro do próprio mês, dimensão que o teste de Granger, por olhar apenas defasagens, não captura. Segundo, e mais interessante do ponto de vista teórico: na construção o emprego realizado ‘Granger-causa’ a confiança ($p=0,010$). Há um circuito de retroalimentação tipicamente keynesiano – expectativas movem contratações, e o resultado das contratações realimenta o estado de confiança. O pessimismo recorde de dezembro de 2025, nesse sentido, é em parte filho dos maus resultados de emprego do próprio ano.

4.4 Funções de impulso-resposta: quantos empregos um choque de confiança move?

Gráfico 6 - Impulso-resposta: confiança e emprego na indústria

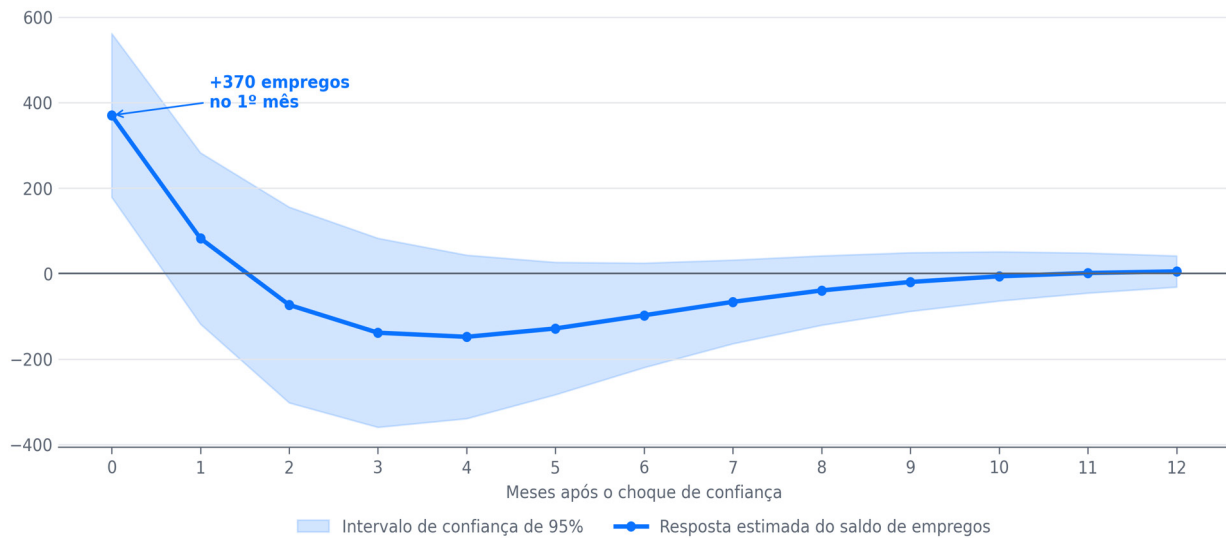
Resposta do saldo CAGED a um choque de +4.0 pontos no ICEI (1 desvio-padrão) — VAR, identificação de Cholesky



Fonte: Elaboração do Observatório da Indústria do Pará, a partir de CNI/IEL-PA e Novo CAGED (MTE)

Gráfico 7 - Impulso-resposta: confiança e emprego na construção

Resposta do saldo CAGED a um choque de +5.0 pontos no ICEI (1 desvio-padrão) — VAR, identificação de Cholesky

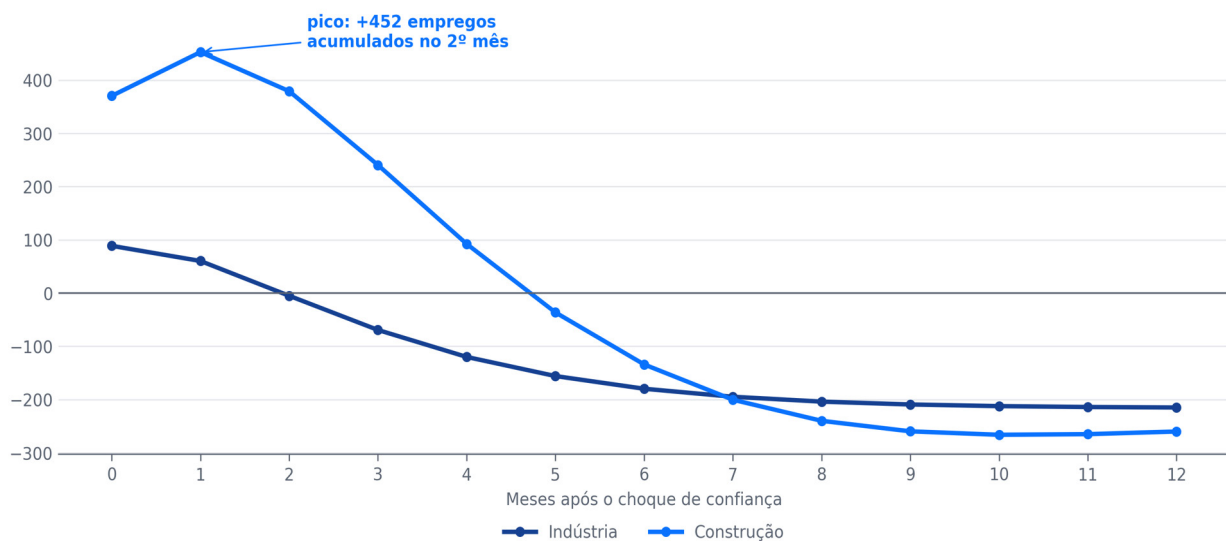


Fonte: Elaboração do Observatório da Indústria do Pará, a partir de CNI/IEL-PA e Novo CAGED (MTE)

Os Gráficos 6 e 7 apresentam o experimento central do estudo. Na construção (Gráfico 7), um choque de confiança de um desvio-padrão – o equivalente a uma alta surpresa de 5,0 pontos no ICEI do setor – está associado a cerca de 370 empregos formais adicionais dentro do próprio mês do choque, único ponto da trajetória estatisticamente significativo a 5% (o intervalo de confiança não cruza o zero). No mês seguinte a resposta pontual ainda é positiva (+82 vagas), mas já não é distinguível de zero; o acumulado de aproximadamente 450 empregos nos dois primeiros meses deve, portanto, ser lido como estimativa pontual, não como efeito comprovado. A partir do terceiro mês a resposta muda de sinal, num movimento de reversão igualmente não significativo, cuja leitura econômica é intuitiva: parte do que o otimismo gera é antecipação de contratações – obras que contratariam adiante contratam já –, de modo que o ganho se concentra no curtíssimo prazo (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Efeito acumulado o choque de confiança sobre o emprego

Soma das respostas mensais do saldo CAGED a um choque de 1 desvio-padrão no ICEI



Fonte: Elaboração do Observatório da Indústria do Pará, a partir de CNI/IEL-PA e Novo CAGED (MTE)

Na indústria (Gráfico 6), o mesmo experimento – um choque de 4,0 pontos no ICEI industrial – produz cerca de 89 vagas no primeiro mês, mas o intervalo de confiança contém o zero: não é possível afirmar, com 95% de confiança, que o efeito é diferente de nulo. A assimetria setorial é confirmada pela decomposição da variância do erro de previsão (FEVD): no horizonte de 12 meses, os choques de confiança explicam 18,5% da variância do saldo de empregos da construção, contra apenas 6,7% na indústria. Já a resposta da expectativa de emprego da sondagem ao choque de confiança é forte e significativa na construção (+4,5 pontos no impacto), confirmando que o ICEI e a intenção de contratar são duas faces da mesma moeda expectacional.

Para facilitar o uso dos números, a Tabela 4 reescala os efeitos para um choque de referência de 10 pontos no ICEI – magnitude comparável, por exemplo, à queda sofrida pelo ICEI da construção paraense ao longo de 2025.

Tabela 4 - Efeitos reescalados para um choque de +10 pontos no ICEI (interpolação linear das FIRs dos Gráficos 6 a 8).

Efeito sobre o saldo CAGED	Indústria	Construção
Choque de referência no ICEI	+10 pontos	+10 pontos
Empregos no 1º mês	≈ +220 (não signif.)	≈ +730 (signif. a 5%)
Acumulado nos 2 primeiros meses (estimativa pontual)	≈ +150	≈ +900*
Acumulado no 1º trimestre (estimativa pontual)	≈ -10	≈ +750*
Variância do saldo explicada pela confiança (12m)	6,7%	18,5%

Sinais opostos valem para choques negativos de mesma magnitude. () Apenas o efeito do 1º mês da construção é significativo a 5%; os acumulados somam a ele respostas posteriores estatisticamente indistinguíveis de zero e devem ser lidos como estimativas pontuais.*

Um teste de robustez é indispensável aqui. Na identificação de Cholesky, o efeito contemporâneo depende da ordem em que as variáveis entram no modelo: colocar o ICEI primeiro atribui à confiança toda a movimentação do mês entre confiança e emprego. A Tabela 5 mostra o impacto estimado sob ordenações alternativas. O resultado da construção sobrevive à inversão entre confiança e sondagem (impacto de +245, ainda significativo a 5%): a conclusão qualitativa não depende de qual variável de percepção vem primeiro, apenas da hipótese – economicamente defensável, dado que o ICEI é coletado nas duas primeiras semanas do mês – de que a percepção pode afetar o emprego do próprio mês, e não o contrário. Sob a ordenação inversa (saldo primeiro), o impacto é zero por construção. Em síntese: o que os dados estabelecem com segurança é um forte co-movimento contemporâneo entre confiança e emprego na construção, da ordem de 245 a 370 vagas por desvio-padrão de ICEI; a leitura desse co-movimento como efeito causal da confiança é condicional à hipótese de identificação, explicitada e defendida na seção 2.3.

Tabela 5 - Sensibilidade do efeito de impacto (mês do choque) à ordenação de Cholesky; intervalos de 95% entre colchetes. O resultado da construção é robusto à posição relativa das duas variáveis de percepção.

Ordenação de Cholesky	Impacto Construção	Signif. 5%	Impacto Indústria	Signif. 5%
ICEI → Sondagem → Saldo (base)	+370 [179; 562]	sim	+89 [-31; 208]	não
Sondagem → ICEI → Saldo	+245 [59; 431]	sim	+59 [-57; 175]	não
Saldo → Sondagem → ICEI	0 (por construção)	----	0 (por construção)	----

4.5 Síntese dos testes

Em resumo: o modelo que melhor funciona – e que passa em todos os testes de adequação exigíveis de um VAR (estabilidade, ausência de autocorrelação residual, seleção por critério de informação) – é o VAR(1) em nível com controles sazonais. Nele, a associação contemporânea entre expectativas e emprego é economicamente relevante e estatisticamente significativa na construção – robusta, inclusive, à ordenação das variáveis de percepção (Tabela 5) –, concentrada no curtíssimo prazo, e positiva porém imprecisa na indústria. A hipótese estruturalista formulada na seção 2.4 não é rejeitada pelos dados: a estrutura produtiva condiciona a força do canal de confiança.

5. Em bom português: o que este estudo descobriu

Imagine o dono de uma construtora em Belém decidindo, no início do mês, se abre novas frentes de obra. Ele não tem bola de cristal: decide com base no que espera do futuro. O que este estudo mostra, com seis anos de dados do Pará, é que esse ‘clima’ – medido todo mês pela CNI e pelo IEL do Pará numa nota de 0 a 100 – deixa marcas visíveis e mensuráveis na carteira de trabalho dos paraenses.

Os três números para guardar: (1) quando a confiança dos empresários da construção dá um salto de 10 pontos, cerca de 730 empregos formais a mais aparecem já no mesmo mês do salto – este é o número firme do estudo, estatisticamente significativo; (2) a estimativa pontual chega perto de 900 no acumulado de dois meses, mas essa extensão já não tem a mesma segurança estatística – e o efeito é, de todo modo, rápido e concentrado: um adiantamento de contratações, não um ganho que se acumula para sempre; (3) na indústria, o efeito estimado existe, mas é pequeno e estatisticamente incerto – cerca de 220 vagas por 10 pontos de confiança, número que pode ser fruto do acaso.

Por que a diferença entre os setores? Pela estrutura de cada um. A construção contrata e demite com facilidade a cada obra: quando o empresário anima, a contratação acontece em questão de semanas – dentro do próprio mês, é o que mostram os dados. Já a indústria do Pará é dominada por grandes plantas de mineração e transformação mineral, que operam com contratos longos e vendem para o mundo – o humor local pesa menos que o preço internacional do minério. É a velha lição estruturalista: a mesma dose de otimismo produz efeitos diferentes dependendo do ‘corpo’ econômico que a recebe.

E a estrada tem mão dupla: descobrimos também que, na construção, os resultados do emprego alimentam de volta a confiança. Meses bons de contratação animam os empresários; meses ruins

derrubam o índice. Isso explica o círculo vicioso de 2025 – confiança em queda, emprego desacelerando, e a desaceleração corroendo ainda mais a confiança, até o ICEI da construção fechar dezembro no pior nível de toda a série. Para a política pública, a mensagem é direta: sinalizações críveis que estabilizem expectativas (carteira de obras, previsibilidade de crédito e de contratos) não são retórica – valem, literalmente, centenas de empregos por mês no Pará.

6. Conclusões

Este estudo acompanhou, entre 2020 e 2025, a trajetória dos três principais indicadores de percepção da indústria paraense – o ICEI e as variáveis de atividade e emprego das Sondagens Industrial e da Construção – e os conectou ao emprego formal do Novo CAGED por meio de um modelo de impulso-resposta. A análise descritiva documentou um ciclo completo de expectativas: colapso na pandemia, euforia na retomada de 2021 e deterioração progressiva que culmina, em dezembro de 2025, no pior registro de confiança da construção em toda a série.

O exercício econométrico quantificou o elo entre expectativa e emprego. Na construção, choques de confiança têm efeito imediato, significativo e economicamente relevante: na régua de 10 pontos de ICEI, cerca de 730 vagas dentro do próprio mês – resultado robusto à ordenação das variáveis de percepção. A estimativa pontual alcança 900 vagas no primeiro bimestre, extensão que já não é estatisticamente distinguível do efeito do primeiro mês. Os choques de confiança explicam quase um quinto da variabilidade do saldo de empregos no horizonte de um ano. Na indústria, o canal é positivo, porém fraco e impreciso, coerente com uma estrutura produtiva mineral-exportadora menos sensível ao humor doméstico. A retroalimentação encontrada na construção (emprego realizado movendo a confiança) completa o quadro teórico novo-keynesiano-estruturalista: expectativas e resultados formam um circuito, e é sobre esse circuito – não apenas sobre seus sintomas – que a política de desenvolvimento regional deve atuar.

Limitações e agenda: a amostra de 72 meses é curta e contém o choque atípico da pandemia; os intervalos de confiança devem ser lidos com a cautela apontada na seção 4.2; e a identificação recursiva, embora plausível e testada quanto à robustez na Tabela 5, atribui à confiança a co-movimentação contemporânea entre percepção e emprego – a magnitude do efeito é, nesse sentido, condicional à hipótese de identificação. Extensões naturais incluem a incorporação de variáveis externas (preço de minério, Selic), a desagregação por porte de empresa e a atualização contínua do modelo como ferramenta de monitoramento do Observatório.

Referências

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. Metodologia do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), versão 3.4. Brasília: CNI, 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. Metodologia da Sondagem Indústria da Construção, versão 3.5. Brasília: CNI, 2018.

FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

KALECKI, M. Teoria da dinâmica econômica. São Paulo: Abril Cultural, 1977 [1954].

KEYNES, J. M. A teoria geral do emprego, do juro e da moeda. São Paulo: Atlas, 1992 [1936].

LÜTKEPOHL, H. New Introduction to Multiple Time Series Analysis. Berlim: Springer, 2005.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Novo CAGED: microdados de movimentações. Brasília: MTE, 2020-2025.

PREBISCH, R. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. Revista Brasileira de Economia, v. 3, n. 3, 1949.

SIMS, C. A. Macroeconomics and Reality. Econometrica, v. 48, n. 1, p. 1-48, 1980.

Realização

Presidente do Sistema FIEPA:

Alex Dias Carvalho

Observatório da Indústria do Pará

Gerente:

Felipe Fonseca Tavares de Freitas

Análise Técnica:

Hiran Lobo e Felipe Freitas

Instituto Euvaldo Lodi (IEL) do Pará

Gerente:

Marcella Dias

Análise Técnica:

Ivone Braga e Marcella Dias

Gerência de Comunicação do Sistema FIEPA

Gerente:

Adriana Ferreira

Edição e Revisão de Conteúdo:

Emilly Melo

Projeto Gráfico e Diagramação:

Milena Andrade



Observatório
da Indústria

IEL

FiEPA

FiEPA | OBSERVATÓRIO DA INDÚSTRIA

📍 Travessa Quintino Bocaiúva, 1588
Nazaré - Belém/PA - 66.035-190

☎ 91 **4009-1501**
✉ observatorio@fiepa.org.br